

O QUE É A FILOSOFIA?

O QUE É
A FILOSOFIA?

António de Castro Caeiro

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXIII



Estes textos resultam do ciclo «O que é a Filosofia?», realizado por António de Castro Caeiro a convite do Centro Cultural de Belém, durante os meses de Outubro e Novembro de 2020.

Salvo quando indicado em contrário, todas as traduções são da responsabilidade do autor.

© 2023, António de Castro Caeiro e Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa — Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *O Que É a Filosofia?*
Autor: António de Castro Caeiro
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2023

ISBN 978-989-671-770-4
Depósito Legal n.º 520282/23

ÍNDICE

Agradecimentos	9
Apresentação	II
Platão: A palavra «filosofia»; o amor (<i>erōs</i>) como motivo filosófico; a falta	13
Aristóteles: Aquilo de que os seres humanos sentem falta	93
Agostinho: «Se não me perguntam, eu sei. Se me perguntam, não sei»; o tempo e ser no tempo	149
Kant: Querer viver para sempre; ter saudades de Deus; a ânsia da liberdade	201
Wittgenstein: A possibilidade da transparência; jogo de linguagem; fazer o sentido	255
Heidegger: Perguntar pelo sentido do ser; perguntar pela verdade como descoberta do ser	305
Bibliografia escolhida	369
Nota biográfica	375

*Para
a j,
a c,
o p
e o zé agosto*

AGRADECIMENTOS

Ao CCB, na pessoa do Delfim Sardo, agradeço o convite para, em plena pandemia, entre confinamentos, apresentar um curso chamado «O que é a filosofia?».

À Paula Catita, à Sofia Mântua, à Sofia Reis, à Paula Fonseca e aos técnicos de luz e som, agradeço a realização das sessões e a sua passagem a *podcast* no Spotify, o que está também na origem deste livro.

Ao fazer publicidade do *podcast* no seu programa de televisão, o Ricardo Araújo Pereira tornou-se também num dos responsáveis involuntários por este livro. Não me lembro de ter recebido tantos elogios numa só noite. Por tudo isto e por ter sido directamente responsável pela grande adesão do público ao *podcast*, agradeço-lhe.

O Miguel Martins reviu ao milímetro a primeira versão do texto transcrito. Agradeço-lhe o facto de ter aceitado a tarefa e de a ter cumprido a tempo e horas.

Passaram-se, entretanto, três anos. Mas foi o entusiasmo e a paciência inesgotável do Delfim Sardo que levaram a este desfecho que nos enche de orgulho. Agradeço à Bárbara Bulhosa, que nos acolheu sem reservas logo ao primeiro contacto na Tinta-da-china, bem como à sua equipa: à Rute Paiva e à Catarina Homem Marques. Agradeço ao meu colega Hélder Telo pelas sugestões bibliográficas.

*

Sabemos como é difícil ser claro em matérias tão complexas como as que aqui são tratadas. Oxalá entre cada pessoa houvesse aquele fio de lã, de que nos fala Platão, por onde os pensamentos pudessem escorrer como gotas de água de pessoa para pessoa, para assim nos sintonizarmos uns pelos outros. Talvez assim fôssemos capazes de compreender e de dar a entender o que nos vai na alma. Como isso não é possível, agradeço desde já ao leitor a sua bondade. Convido-o à persistência que terá de oferecer, por vezes, para vencer a opacidade que aqui e ali há-de encontrar.

APRESENTAÇÃO

Não há ninguém que não tenha uma «filosofia» e não a ache tão pessoal que a designe por «a minha filosofia». Há também quem a despreze e acredite que a filosofia é para «líricos», para pessoas que vivem noutro mundo. Quem pensa assim são pessoas de acção para quem a filosofia nada tem que ver com a vida. Há também a definição romântica de que todos já ouvimos falar: a filosofia é a amizade pelo saber.

Deste conjunto de perspectivas — a positiva, segundo a qual toda a gente tem uma filosofia, a negativa, segundo a qual a filosofia é uma perda de tempo e, finalmente, a romântica, segundo a qual a filosofia é a procura amiga pelo saber —, nascem teses filosóficas, interpretações, atitudes, mentalidades, modos de ser.

O que pretendo fazer neste livro é dirigir a pergunta «O que é a filosofia?» a alguns protagonistas da história da filosofia. Uma boa pergunta, antecipamos já, abre caminho a uma boa resposta. E a resposta está em tensão com a pergunta — uma não existe sem a outra, como veremos. Não pretendemos fazer história, muito menos pôr à prova nenhuma tese evolucionista segundo a qual a última versão do que quer que seja é a melhor, a mais adaptada, a que sobreviveu.

A filosofia é uma actividade. Não se tem uma filosofia. Faz-se filosofia, como quando se põe em prática uma possibilidade adquirida. A filosofia é uma possibilidade. E aqui começa

já um problema antigo. Não é a possibilidade menos do que a realidade? Não é o possível só uma miragem, uma ilusão? Ou será exactamente o contrário, do ponto de vista humano? Não é o sonho, como dizia Valéry, que nos distingue dos animais?*

A filosofia é uma actividade que procura descobrir a verdade sobre as coisas, sobre si próprio, sobre os outros, sobre tudo. Os antigos chamavam ao tudo a «vida», o «ser». A filosofia, de algum modo, é a actividade que se preocupa com a descoberta da verdade sobre o ser, o ser que é todas as coisas, o mundo, os outros, eu próprio. Mas é a própria vida a ser que também se nos revela e nos deixa, de quando em vez, saber como ela é.

ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO

PLATÃO:

A PALAVRA «FILOSOFIA»; O AMOR (*ERŌS*)
COMO MOTIVO FILOSÓFICO; A FALTA

O percurso proposto com o título *O Que É a Filosofia?* pode, por um lado, ser lido de forma a atribuir uma soberba absoluta a quem o sugere. No entanto, deve ser lido precisamente como isso, como uma pergunta. A pergunta pela filosofia é feita em várias circunstâncias com a mesma característica radical e com consequências extremas. Ao acentuar o carácter interrogativo «O que é a filosofia?», apontamos para o modo como os gregos, designadamente Platão e Aristóteles, entenderam a filosofia. A filosofia é um querer saber o que não se sabe. Dá-se o caso peculiar aqui, nesta pergunta, de não se saber o que é a própria filosofia. Perguntar pela filosofia pode ser um perguntar filosófico, mas apenas se fizermos a experiência da urgência de querer saber e de, assim, fazermos essa pergunta autenticamente. Como acontece com todas as perguntas, podemos fazê-las «como quem não quer a coisa», apenas da «boca para fora». Portanto, a filosofia não é um corpo doutrinal, muito menos uma disciplina do currículo escolar ou um curso universitário. O que quer que se entenda por filosofia resulta de uma disposição fundamental que podemos ver acordar, por existir constituída em nós por natureza. Esta é uma pretensão aparentemente paradoxal. Se, por um lado, para saber o que é a filosofia a estudamos como disciplina no liceu ou mesmo como curso na universidade, se podemos ler livros de filosofia dos autores consagrados nessa área, por outro lado, podemos

* «O homem é esse animal separado, esse estranho ser vivo que se opôs a todos os outros, que se eleva acima de todos os outros, pelos seus... sonhos — pela intensidade, pela sequência, pela diversidade dos seus sonhos!» Paul Valéry, *L'Européen, Variété*, primeiro volume, Éditions de la N.R.F., 1934, (Œuvres de Paul Valéry. Tome IV (pp. 31-49)).

ficar exactamente na mesma relativamente aos problemas que a filosofia apresenta. Pode, por outro lado, haver pessoas que, sem nunca terem lido um livro de filosofia, façam perguntas que coincidem no seu sentido com a pergunta «O que é a filosofia?». O modo como formulamos essas perguntas põe-nos na pista de diversos objectos «filosóficos» e do horizonte em que esses objectos se encontram. É o que podemos compreender, por exemplo, em perguntas como: «Como é que isto me foi acontecer a mim?», «Qual o sentido disto tudo?», «Como é possível?». Estas perguntas fazem-se em determinadas circunstâncias, claramente definidas para quem as faz. Pode é passar despercebido que são motivadas pelo próprio facto de cada ser humano ter uma disposição filosófica. Todos nós, quando fazemos essas perguntas, sabemos o que estamos a perguntar de uma forma absolutamente concreta, sem, no entanto, termos a noção de que se trata de perguntas também sobre a filosofia, sobre as condições de poder responder, porque também não compreendemos as condições que detonam a pergunta sobre a pergunta.

A pergunta «O que é a filosofia?» interroga assim o sentido, mas numa situação em que aparentemente não conseguimos fazer sentido, não compreendemos o que nos aconteceu, o que nos está a acontecer. As perguntas «Como é que isto me foi acontecer?», «Como é possível?», «Qual o sentido disto tudo?» não incluem a palavra «filosofia», mas as circunstâncias espontâneas em que são feitas são as mesmas em que se pode, de modo concreto, fazer a pergunta «O que é a filosofia?». Como é possível fazer estas perguntas? Há um querer saber o que não se sabe. Este saber que não se sabe não nos é indiferente, mas é de uma importância capital, porque se trata da nossa vida, de

como ela se transformou catastroficamente ao ponto de não sabermos bem o que nos foi acontecer e de como lidamos com a dificuldade numa situação de apuros. É a partir destas experiências concretas, pelas quais todos passamos, que podemos ler os textos filosóficos e, na verdade, toda a produção literária, independentemente da sua catalogação bibliotecária. Toda a produção literária, tudo o que toda a gente sabe e todas as experiências de vida de todos os seres humanos são um monumento a uma pergunta pelo saber, resultam de um querer saber o que não se sabe, um querer saber o que não se sabe na situação urgente de se querer saber precisamente «Como foi possível acontecer-nos o que nos aconteceu?», «Qual o sentido disto tudo?». Quando fazemos essas perguntas, não estamos a salvo, a «fazer ciência», «a ler livros em sossego», «a fazer perguntas», motivados apenas pela curiosidade científica. É a nossa vida que, nessas circunstâncias, está em causa.

Podemos, contudo, ler Platão sem qualquer espécie de urgência, sem que a nossa vida dependa, para o seu esclarecimento, da leitura de Platão. E é assim, provavelmente, que lemos Platão e qualquer autor, literatura e textos científicos, jornais, diários e o que quer que seja que esteja impresso. Mas podemos procurar traçar uma genealogia da pergunta nos textos de Platão, autor escolhido na pressuposição de que a sua obra trata de filosofia. Ora, os substantivos «filosofia», «filósofo» e o verbo «filosofar» ocorrem nos diálogos platónicos. A nossa hipótese interpretativa para procurar compreender a filosofia é a de encontrar um paralelismo entre as situações descritas nos diálogos e as situações da nossa vida. Quando é que, na nossa autobiografia, tivemos experiências em que a nossa própria vida se converte num megaponto de

do que isto é que também os conhecimentos não são os mesmos, porque também, destes, uns vão nascendo e outros vão perecendo em nós; e nunca nós somos os mesmos em relação aos conhecimentos, dado que um deles se altera em relação a si mesmo. Com efeito, aquilo a que se chama estudar tem como objecto um conhecimento que está a escapar. O esquecimento é a saída do conhecimento. O estudo produz, de novo, a partir do seu interior, uma memória que substitui o conhecimento que escapou, e preserva, assim, o conhecimento antigo, de tal sorte que parece que é o mesmo (mas não é, porque é uma memória do conhecimento antigo). É assim que, de facto, tudo o que é mortal se preserva, mas não completamente, de modo a ser sempre o mesmo, como o que é divino, mas apenas de maneira a deixar, a partir de si, algo novo. É através deste estratagema (*mechanē*), ó Sócrates, disse ele, que o mortal toma parte na imortalidade, a respeito do corpo e de tudo o resto. É imortal mas de outro modo. Não te espantes, por isso, que cada um estime o seu rebento, pois é por mor da eternidade que este zelo e este amor acompanham cada ser vivo. (Pl., Sym., 207d-208b)

ARISTÓTELES: AQUILO DE QUE OS SERES HUMANOS SENTEM FALTA

O nosso pequeno percurso sobre a pergunta «O que é a filosofia?» faz agora caminho com Aristóteles. A única pretensão é a de dizer o que pode aprender-se quando procuramos acompanhar «o filósofo», como lhe chamava São Tomás de Aquino, palavra que lhe era reservada em exclusivo. A importância de Aristóteles para a formação do pensamento ocidental é inimaginável. Em Oxford, por exemplo, Aristóteles é lido como se tivesse acabado de publicar na véspera. A própria universidade foi fundada, há mil anos, com os textos que temos d'«o filósofo», o seu testamento para a humanidade. Toda a filosofia é o testamento do seu autor. Cabe a cada um de nós reivindicar a «habilitação de herdeiro» que permita reclamá-la. Os textos filosóficos são os testamentos que servem de base aos «agentes» ao serviço de agências que têm como missão procurar no mundo inteiro os herdeiros possíveis para poderem reclamar heranças, quando os testamentários aparentemente não têm descendentes. A humanidade é a herdeira possível de uma filosofia. Não basta ler os textos filosóficos — o mesmo se passa com os textos religiosos, literários ou até científicos. Importa perceber que um texto filosófico é, sem dúvida, um relatório ou uma acta de uma reunião académica, um colóquio ou uma aula. Mas é também um programa. A leitura não pode ser apenas passiva, da boca para fora, ou sequer para aprender de cor um conteúdo apenas linguisticamente compreensível. A nossa

aproximação a um texto filosófico tem de transformar, através da sua leitura, o modo como vemos o mundo, como se puséssemos óculos para entrar numa realidade virtual. Pode até, à semelhança do que nos acontece quando escutamos música, por exemplo, a conduzir um carro, transformar a paisagem visual com a paisagem acústica que se faz ouvir. Ou então, podemos ler um texto filosófico como quem lê as instruções que acompanham os electrodomésticos ou as peças de mobiliário que compramos.

Vamos procurar ler assim alguns passos de Aristóteles, da *Metafísica*, da *Ética a Nicómaco*, dos livros perdidos de Aristóteles ou que se acha poderem ser-lhe atribuídos.

A primeira frase da *Metafísica* é a primeira frase de um livro sem nome. Aristóteles não chamou *Metafísica* ao livro que conhecemos com esse nome. A palavra não existe sequer em grego. Mas é o destino de muitas palavras que fizeram doutrina terem sido inventadas e feitas correr como se existissem em tempos em que ainda não existiam. É uma das capacidades das gerações posteriores. Interpretam pelas suas palavras o que as gerações anteriores descobriram. Depois das palavras, inventam também as coisas que assim são nomeadas. O nosso olhar sobre o passado é sempre retroactivo e retrospectivo. Mas pomos no passado muito do presente, sem percebermos muitas vezes que o distorcemos. Mesmo advertidos disso, não anulamos o poder do presente no olhar o passado, no invocar pela primeira vez ou na lembrança, recordação e memória que podemos ter dele. É o que acontece quando nos lembramos de um episódio do passado, por exemplo, da infância. É difícil chegarmos à criança que fomos, porque interpretamos como adultos «a cena» de que nos lembramos.

Compreendemos à luz do adulto que somos a experiência que fizemos na infância. É assim que palavras como «metafísica», «nostalgia» e «metamorfose» dizem o passado, sem que tivessem existido no passado. Não quer dizer que as coisas que nomeiam não existissem. As suas palavras componentes existiam. O que não existia eram as palavras compostas. Mas os fenómenos que exprimem talvez estivessem tão presentes nas vidas dos antigos que não requeriam nome. É o que dizem da palavra nostalgia (*nostos* + *algos*). *Nostos* quer dizer «regresso». *Algos* quer dizer «dor», «sofrimento». Conhecemos este componente de palavras como «analgésico», «mialgia», etc. A palavra foi cunhada por um médico suíço para descrever o que os jovens recrutas sentiam quando abandonavam os Alpes para irem para Zurique. Sofriam por poder regressar a casa, quando obviamente não podiam. A palavra «metamorfose» dá o título ao compêndio em versos da obra homónima de Ovídio. «Metamorfose» diz «transformação». *Meta*: «trans», *morphosis*: «formação». O mesmo se passa com a palavra «metafísica».

A palavra «metafísica» terá sido inventada por um bibliotecário para designar os textos que estavam provavelmente arrumados ao lado dos textos de Aristóteles que se dedicavam à física. A palavra tem na origem a formulação em grego: «*ta meta ta physika*», o conjunto de textos que vêm a seguir aos textos dedicados aos problemas da física (*ta physika*). O nome «metafísica» nasce assim da dificuldade em catalogar o conjunto de problemas que são tratados nos 14 livros que compõem a obra homónima atribuída a Aristóteles.

O nome «metafísica» claramente indicava, pelo menos, o local onde se encontravam os textos. Depois, o nome ganha

AGOSTINHO:

«SE NÃO ME PERGUNTAM, EU SEI.
SE ME PERGUNTAM, NÃO SEI»; O TEMPO E
SER NO TEMPO

O nosso percurso incidirá agora sobre as *Confissões* (escritas entre 397 e 400) de Santo Agostinho (354-430), em particular sobre o livro XI, onde se trata do tempo. O livro XI não é uma monografia sobre o tempo. Não são citados outros autores que trataram o tempo previamente. Podem traçar-se muitas influências: desde o diálogo *Parménides*, de Platão, passando pelo livro IV da *Física* de Aristóteles, acabando na escola neoplatónica de Plotino. Temos ainda de esperar alguns séculos até Simplicio nos oferecer o seu tratado sobre o tempo (*De Tempore*). Mas as análises do tempo que Santo Agostinho faz e fixa em texto não devem, penso, ser lidas com uma mera curiosidade acerca do passado, acerca de uma teoria possível do tempo. Para além do estilo absolutamente único do latim de Santo Agostinho, temos um tesouro filosófico de que nos temos de apropriar. É o destino das grandes peças filosóficas serem sempre actuais, por terem sempre futuro. O seu carácter inovador tem de ser reivindicado. Foi deixado em testamento à posteridade. Nós, os descendentes, somos herdeiros, mas temos de nos habilitar a essa mesma herança. A tradução para português é de Arnaldo Espírito Santo e Maria Cristina Pimentel, grandes especialistas em latim e particularmente em Santo Agostinho, meus mestres.

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão recente, tarde te amei!
E eis que tu existias no meu interior e eu fora de mim, e aí te

procurava, e precipitei-me, desgraçado, na direcção de todas aquelas coisas formosas que tu fizeste. Tu existias comigo, mas eu não existia contigo. As coisas mantinham-me longe de ti, coisas que se não existissem em ti, então não existiriam. Chamaste, gritaste e rompestes a minha surdez. Irradiaste, brilhaste e afugentaste a minha cegueira. Fizeste sentir a tua fragrância, aspirei e fiquei sem fôlego. Provei-te e agora tenho fome e sede. Tocaste-me e abrasei pela tua paz. (Santo Agostinho, *Confissões*)*

Este passo citado aparece-nos depois de já ter sido destilada muita tinta das mãos de Santo Agostinho. As *Confissões* são um movimento espiritual complexo. Pressupõem o pensamento filosófico, o advento do cristianismo, mas, fundamentalmente, a maneira de viver filosofia e teologia «na carne», tendo como protagonista a primeira pessoa do singular. O título *Confissões* dá expressão da situação concreta em que Agostinho se encontra face a face com Deus. Não podemos espreitar o seu conteúdo como se estivessemos a ler um livro de filosofia, de teologia, ou, mais concretamente, uma autobiografia. Não podemos lê-las com o estado de espírito nem da curiosidade nem do interesse teórico. E, se começamos por ler assim, por mera curiosidade ou por interesse, não é assim que continuamos a ler nem é assim que revisitamos o texto das *Confissões*. Ao lermos com seriedade, não somos apenas levados à intimidade de Santo Agostinho: somos transportados para a sua assembleia espiritual. Nas comunidades protocristãs, o sacramento da confissão era feito à cidade e ao mundo (*urbi et orbi*).

* Em todas as citações das *Confissões* de Santo Agostinho, é utilizada a edição com tradução de Arnaldo do Espírito Santo. INCM, 2001.

Quem se confessava estava virado para todas as irmãs e todos os irmãos que formavam a assembleia para a homilia. Se qualquer confissão é uma experiência existencial difícil de ter, quando estamos a sós com a pessoa amiga ou o padre a quem confessamos uma acção de que nos arrependemos amargamente, deve ser extraordinariamente difícil fazê-la para uma comunidade de pessoas. Mesmo que as pessoas sejam nossas irmãs.

A beleza (*pulchritudo*) invocada neste passo tem um sentido complexo, porque pode dar expressão à formosura, graça e beleza físicas de alguém, o rosto belo de uma pessoa, mas visa também a forma da manifestação de Deus, portanto, do ser supremo. Santo Anselmo de Cantuária diz que Deus é aquele ente relativamente ao qual nada maior pode ser pensado. Com esta beleza, invoca-se a essência absolutamente superlativa de Deus.

Há uma diferença, assim, que se procura de algum modo contrastar entre a multiplicidade das coisas belas e, na verdade, também a multiplicidade das coisas boas que existem, por um lado, e uma unidade de sentido ou o sentido na sua unidade, por outro. A contraposição não é apenas entre plural e singular, mas entre a dimensão visível e pulverizada da beleza nas coisas e a fonte e origem, a proveniência da beleza enquanto tal. O que vemos quando olhamos para as coisas são conteúdos de realidade disponíveis à vista desarmada ou, então, identificados por microscópio. Mas não sabemos dizer a que corresponde um conteúdo de beleza. E, ainda assim, é inegável que vemos, por exemplo, pessoas giras, bonitas, belas.

A beleza enquanto tal, em e por si, é unívoca. Distingue-se das muitas coisas belas. A distinção entre a beleza como essência do sentido do belo na sua unicidade e todas as coisas

WITTGENSTEIN:
A POSSIBILIDADE DA TRANSPARÊNCIA;
JOGO DE LINGUAGEM; FAZER O SENTIDO

Toda a filosofia está sempre enraizada numa tradição. Mesmo quando procura romper com os laços do passado, a originalidade de um pensamento deve ser apurada no seu vigor e na sua raiz. Mas Wittgenstein é daqueles autores que gostavam de dizer de si próprios que nunca tinham lido nada da história da filosofia ou muito pouco. Os académicos têm procurado apurar ao pormenor se era verdade o que dizia. Pode cair-se no extremo contrário e suspeitar da originalidade de Wittgenstein. De qualquer das formas, quando se refere a formação de Wittgenstein em engenharia aeronáutica, a preocupação do seu pensamento com o *a priori* lógico da linguagem e do mundo, com o cálculo proposicional cujas tabelas inventou, procura sublinhar-se o carácter peculiar da sua filosofia, alicerçado na sua formação. Mas podemos perceber que estamos a reduzir a interpretação de um pensamento a um horizonte de possibilidades muito estreito. Uma filosofia é sempre uma reacção ou uma provocação à vida. Mesmo que a formulação de um pensamento pareça estranha, não podemos deixar-nos enganar por uma leitura apressada. Por mais estranho que seja o jargão filosófico de um autor, antecede-o sempre uma atmosfera de discussão, com um passado mais ou menos longínquo. Wittgenstein filia-se numa tradição de que Frege era o mais lídimo representante. Do ponto de vista do debate, eram contemporâneos. O Círculo de Viena é uma criação de Frege.

Este último inventa uma escrita formal (*Begriffsschrift*) que lhe produz a possibilidade da formalização da língua natural numa linguagem lógica. Essa intenção é muito antiga. Basta pensar-mos em Aristóteles e na sua silogística. Sem dúvida que Frege consegue o que Aristóteles não conseguiu. A intenção de Wittgenstein é a mesma de Frege, do ponto de vista estritamente analítico. Pelo menos no *Tractatus*, a intenção de Wittgenstein é a mesma de Frege. A linguagem formalizável depende da sua redução a enunciados declarativos, afirmativos na voz activa e em discurso directo. Para Frege, sem dúvida, o argumento ou encadeamento dedutivo das premissas até à conclusão é o sentido que deve ser estudado como um todo. Mas o argumento lógico é estudado com o isolamento de cada enunciado que o compõe. A ponta do icebergue das cadeias de dedução, pensamento ou argumento lógico são os enunciados declarativos. A ligar premissas entre si, há apenas conjunções coordenativas. Verifica-se a supressão consequente de enunciados negativos em discurso indirecto ou misto e na voz passiva. Dá-se o desaparecimento de orações subordinadas: substantivas, adverbiais e adjectivas. Introduzem-se os valores de verdade (verdadeiro e falso) e os quantificadores, universal e existencial.

Filosoficamente, o valor de verdade de um enunciado (se é verdadeiro ou falso) depende da existência de um referente (*Bedeutung*). O sentido (*Sinn*) faz variar a enunciação, mas depende da existência do referente.

Com base nesta bateria de operadores, elementos e princípios, Frege procurava blindar a linguagem formal e neutralizar a ambiguidade da linguagem natural (*Umgangssprache*). O efeito seria invalidar toda uma tradição filosófica. Os problemas da filosofia não têm, em última análise, referente. A discussão do

sentido pode ser absolutamente estéril. É uma cruzada interessante que se filia no nominalismo medieval e nas intenções de Leibniz e de Espinosa. Mas fiquemo-nos por aqui com estas indicações apenas incipientes.

Da sua produção literária, o *Tractatus (Tratado Lógico-Filosófico)* e as *Investigações Filosóficas* estão traduzidas para português por M. S. Lourenço, na Fundação Calouste Gulbenkian. O conjunto de textos escolhidos para ler e comentar aqui tem como fio condutor a «ideia de filosofia» de Wittgenstein: a possibilidade de obtenção de clareza através do enunciado sintacticamente bem formulado. A aplicação do princípio da formação sintacticamente correcta dos enunciados da lógica procura reduzir os problemas da filosofia a problemas da linguagem. Os problemas da linguagem são postos por uma «má formação» da sua formulação. Compreender o pensamento de Wittgenstein permitiria perceber que há problemas da tradição filosófica que foram postos de forma errada. Portanto, estariam resolvidos ao serem considerados problemas mal postos ou falsos. Todos os problemas da filosofia resultam, assim, de mal-entendidos e de uma incorrecta formulação linguística. A linguagem filosófica tem de ser extraída da linguagem natural.

Há uma alteração convulsiva desta concepção de filosofia nas *Investigações Filosóficas*. Neste texto, a linguagem não é reduzida a enunciados declarativos. O ponto de partida é a gramática, onde encontramos, na classificação dos enunciados, a par dos declarativos, os interrogativos e os imperativos, nas suas mais diversas versões. Mas é sobre as figuras mais popularmente conhecidas do pensamento de Wittgenstein, os jogos de linguagem, enquanto formas de vida, que gostaríamos de tecer algumas considerações.

HEIDEGGER:
PERGUNTAR PELO SENTIDO DO SER;
PERGUNTAR PELA VERDADE COMO
DESCOBERTA DO SER

«A filosofia é autenticamente nostalgia, um impulso para estar em casa em qualquer lado.»* Esta nota fragmentária de Novalis é o mote da primeira parte de um curso em que Heidegger analisa um dos elementos fundamentais da sua filosofia, as tonalidades disposicionais. A própria filosofia é uma cadência disposicional, porque a vida é no fundo de si melodia, música, uma vibração ou cadência disposicional. É difícil traduzir a palavra alemã «*Stimmung*». Os ingleses vertem bem para «*mood*». Podemos traduzir tecnicamente por «disposição» a partir da identificação do fenómeno da «*diathesis*» realizado por Platão e Aristóteles**. A *diathesis* é a organização intrínseca do que tem partes. É a posição que perpassa uma situação de acordo com o sítio (*topos*), a potência (*dynamis*) e o aspecto (*eidos*). É, por isso, um fenómeno afectivo, emocional, sentimental. A palavra alemã aponta para a «vocalização» musical e compreensiva

* «Novalis sagt einmal in einem Fragment: 'Die Philosophie ist eigentlich Heimweh, ein Trieb überall zu Hause zu sein'. Citado por Heidegger: Novalis, *Schriften*. Hg. J. Minor. Jena 1923. Bd. 2, S. 179, Fragment 21. HEIDEGGER GA29/30 (7).

** Arist. *Metaph.* 1022b1-3: «A disposição diz-se da organização intrínseca (*taxis*) do que tem partes, de acordo com o lugar, de acordo com a potência e de acordo com o aspecto. Deve ser uma certa posição, tal como o nome parece evidenciar: *dis-posição*.» (*Διάθεσις λέγεται τοῦ ἔχοντος μέρη τάξις ἢ κατὰ τόπον ἢ κατὰ δύναμιν ἢ κατ' εἶδος· θέσιν γὰρ δεῖ τινὰ εἶναι, ὥσπερ καὶ τοῦνομα δηλοῖ ἢ διάθεσις.*) Cf. W.D. Ross, *Aristotle's Metaphysics*, 2 vols., Oxford: Clarendon Press, 1924 (repr. 1970 [of 1953 corr. edn.]): 1: 980a21-1028a6; 2: 1028a10-1093b29. Obtido de: <http://stephanus.tlg.uci.edu/Iris/Cite?0086:025:197855>.

dos momentos do tempo que atravessamos. Não há nunca uma situação em que nos encontremos em que não se escute uma vocalização a interagir entre nós, as pessoas e as coisas. Os ambientes, climas, atmosferas, tudo tem uma cadência, uma vibração, uma tonalidade que é o próprio modo como cada um de nós está disposto, melhor, cada um de nós é uma melodia. Ao longo de um dia há vários cambiantes disposicionais. As cadências, ritmos, melodias, constituem a musicalidade de toda a existência. Tal como cada um de nós tem a banda sonora da sua vida, assim também há uma multiplicidade de sonoridades na nossa existência, se calhar nem sempre audíveis ou nem sempre escutadas. Haverá uma melodia de fundo com as notas específicas, instrumentos, a constituir o som específico das nossas vidas? Podemos nós mesmos fazer a música de que gostamos e deixar de ouvir a que não nos agrada? Há silêncios ou só intervalos entre sons? O que se ouve no passado ecoa no presente e lança-nos para o futuro? Estaremos à espera do som que queremos no futuro? A pergunta pela filosofia e pelo seu sentido assume uma característica absolutamente concreta. Fazer filosofia é fazer música. Não a música divulgada pelos instrumentos ou vozes que cantam, mas a cadência furiosa e tumultuosa, aos gritos de uma banda de *rock* ou a cadência lenta e suave de um quarteto de cordas ou de um piano. E há dias em que parece não escutar-se nada interiormente ou só o barulho dos carros que passam, do vento que sopra, da chuva que cai, ou o barulho do silêncio quando nem se ouve uma palha cair ao chão.

O fenómeno disposicional é a raiz comum à vida e à filosofia. Em vez de consciência com o acesso às coisas, poderíamos falar de sintonização. Também as metáforas acústicas

exprimem melhor a atenção dada ao que se escuta, ao modo como se procura auscultar o que pode fazer ouvir-se mas permanece em silêncio, pelo menos aparente. O ser humano é portador da vida. Heidegger designa a vida de que o ser humano é portador e é diferente da que um animal ou uma planta são portadores: *Dasein*. Ser aí, ser o aí. O humano é portador da existência, um horizonte de agora é portador do tempo desde sempre e do tempo para sempre. A existência é o tempo todo do mundo em fuga. Por outro lado, ser o aí permite não apenas estar aí como também não estar aí, estar e não estar cá, estar longe. «Cá», «aqui» e «longe» são advérbios que expressam a possibilidade de estarmos em espírito sem corpo em diversos sítios, até onde estamos sentados. *Dasein* tem como concorrentes aparentes as configurações da subjectividade da tradição ocidental. O «ego» desde Descartes. O sujeito transcendental, o entendimento, a razão, o espírito. Cada um de nós, para Heidegger, tem de lidar com a vida. A vida não existe como o céu, o mar, o interior da terra, o vasto cosmos, mas como o horizonte temporal em mudança, quanto mais não seja pelo simples facto de nos apercebermos de que o tempo passa. Há assim uma relação de cada um de nós com o tempo e a vida, com o ser, que na actividade de ser transforma cada ser humano ao fazer que continuamente desde sempre deixe de ser. Sem dúvida, há uma ambiguidade extrema entre o tempo que virá e o tempo que passa, mas parece inexorável, é esta a tese simples de Heidegger de que o tempo é intrinsecamente constituído pela passagem. A própria história tem como «sujeito» ou «agente» intersubjectivo e transgeracional o tempo que passa. O tempo, a vida, a existência dão-se a compreender ao humano através das cadências disposicionais que

O QUE É A FILOSOFIA?

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Eígal, Indústria Gráfica,
sobre papel Holmen Book de 80 g,
em Agosto de 2023.